

MODERNIDADE E ESQUECIMENTO: A VILA DE FURNAS DE ITUMBIARA- GO

Modernity and oblivion: the *Vila de Furnas* of Itumbiara-GO

Alexandre Ribeiro Gonçalves

Universidade Estadual de Goiás - UEG

Nycolle de Paula Borges

Universidade Estadual de Goiás - UEG

Deusa Maria Rodrigues Boaventura

Universidade Estadual de Goiás - UEG

RESUMO

O trabalho examina a vila de Furnas de Itumbiara/ Goiás, a partir das suas arquiteturas, preservação dos edifícios, contribuições e impactos da vila na formação do espaço urbano da cidade. Os edifícios desta vila fazem parte de um importante acervo da arquitetura moderna dos anos 1960/1970, de um momento, portanto, de inflexão e de mudanças paradigmáticas na arquitetura brasileira, quando ela passa a se filiar mais diretamente à tendência brutalista. A vila foi criada nos anos de 1970, momento que a cidade sobrevivia dos efeitos do desenvolvimentismo iniciado na primeira metade do século XX. O Rio Paranaíba foi o local escolhido para a construção da hidrelétrica de Itumbiara e às suas margens ergueu-se a vila operária para abrigar os funcionários da empresa. A vila foi planejada com um conjunto de habitações de diferentes tipologias e um reduzido número de equipamentos necessários à moradia. Mas a despeito da importância desse patrimônio, hoje sua arquitetura se encontra bastante descaracterizada, comprometendo assim o acervo arquitetônico dessa época. O artigo adotou a pesquisa descritiva, com a realização de levantamentos bibliográficos, documental, fotográficos e relatos orais. A investigação contribui com o acréscimo de novos dados e informações históricas sobre a vila de Furnas, buscando preencher algumas das várias lacunas presentes na historiografia da arquitetura moderna de Goiás.

Palavras-chaves: Vila de Furnas; Itumbiara/Goiás; patrimônio

ABSTRACT

This paper investigates the Furnas village in Itumbiara/Goiás, with regard to its architecture, the current preservation of the buildings and the village's contributions and impact on the city's urban space formation. The buildings in this village are part of an important collection of modern architecture from

the 1960s/1970s, a period of change and paradigmatic shifts in Brazilian architecture, when it became more directly related to the Brutalist trend. The village was created in the 1970s, a time when the city was experiencing the effects of the developmentalism that began in the first half of the 20th century. The Paranaíba River was the site chosen for the construction of the Itumbiara hydroelectric and the workers' village was built on its shore to shelter the company's employees. The village was planned with a series of different housing types and a reduced number of facilities required for housing. However, despite the relevance of this heritage site, today its architecture has been greatly de-characterized, thus compromising the architectural heritage of that period. The article used descriptive research, with bibliographic, documentary and photographic surveys and oral reports. The research contributes new data and historical information about the Furnas villa, aiming to fill in some of the many gaps in the historiography of modern architecture in Goiás.

Keywords: Vila de Furnas; Itumbiara/Goiás; heritage

INTRODUÇÃO

No contexto do desenvolvimentismo do Brasil da primeira metade do século XX, o investimento em estruturas hidrelétricas foi uma das opções do governo Juscelino Kubitschek de Oliveira. Para tanto criou-se a empresa de Furnas Centrais Elétricas em 1957. Mas foi só a partir dos anos 1970 que a bacia do Rio Paranaíba tornou-se um lugar de investimento dessa empresa, construindo, além da sua maior usina, duas vilas operárias: uma em Itumbiara, Goiás e outra no antigo povoado de Araporã, Minas Gerais. A vila de Itumbiara, objeto deste artigo, foi erguida, segundo conceitos do urbanismo racionalista e da ideia de unidade de vizinhança (Guerra, 2008). Seus edifícios, em sua maioria desenhados sob a influência do brutalismo paulista, ainda foram pouco estudados. Fazem parte do “[...] momento da diversificação da arquitetura moderna brasileira, a partir da transferência de conhecimentos e tecnologia de regiões mais desenvolvidas, como São Paulo e Rio de Janeiro para outras menos desenvolvidas” (Segawa, 1997, p. 134) como é o caso da Região Centro-Oeste. Este artigo procura compreender, a arquitetura dessa vila, apresentando suas articulações com o brutalismo paulista, além de apresentar a história desses edifícios. No entanto a despeito das suas importâncias para o quadro da história da arquitetura brasileira, a vila não se manteve preservada e hoje seus estados de conservação, demonstram o descaso com a manutenção desse patrimônio.

Itumbiara - do tupi-guarani, Caminho da Cachoeira - é uma cidade de fronteira que se encontra aproximadamente com 107.970 habitantes (IBGE, 2022). Seu sítio geográfico foi altamente propício para a consolidação da Marcha para o Oeste, tendo sido o portal de entrada para o projeto de modernização do centro do país. Seu desenvolvimento foi marcado pela construção do sistema hidrelétrico de Furnas que, juntamente com a vila, se tornou em um importante vetor de mudanças urbanas da cidade (Reis; Pantaleão, 2014). O controle do volume do rio pela barragem, por exemplo, permitiu que Itumbiara construísse o parque linear Beira Rio, que se tornou no mais importante espaço público de Itumbiara.

Quanto aos equipamentos da vila, eles foram incorporados ao tecido urbano da cidade em 1998, época em que passaram a ser definitivamente do município. São eles: o aeroporto, o ambulatório, a creche, o hotel (atual prefeitura), o clube recreativo e casa de visitação. Contudo, nem a importância histórica da vila para a cidade, tampouco a qualidade arquitetônica das moradias e dos demais edifícios foram capazes de impedir o amplo processo de descaracterização do conjunto, iniciado nos anos 2000, e que se diga de passagem, ainda se mantém até os dias atuais.

O artigo adotou a pesquisa descritiva organizada a partir de quatro momentos: no primeiro foram levantados textos sobre os debates da arquitetura brasileira dos anos 1970. São estes o de maior relevo: Segawa (1997) *Arquiteturas no Brasil -1900/1990* e de Bastos e Zein (2010) *Brasil: arquiteturas após 1950*.

O segundo momento da pesquisa se concentrou na busca de informações sobre o tema em obras já publicadas. São elas: a tese de doutorado de Maria Eliza Alves Guerra (2008) - *Vilas operadoras de Furnas nas bacias dos Rios Grande e Paranaíba: da concepção à atualidade*. Teve como foco principal a compreensão das concepções urbanas das vilas e suas implantações no contexto geográfico do território. O texto, igualmente importante à tese citada é a dissertação de Mônica Otero dos Reis (2020) - *Interstícios e conexões na paisagem do rio Paranaíba em Itumbiara (1974-2015)*, onde se encontra a discussão sobre o crescimento urbano da cidade e a importância do Rio nesse processo. E por fim o artigo de Reis e Pantaleão (2014) - *Cidades médias goianas: crescimento urbano, ocupação territorial e dinâmica econômica, onde as autoras a partir de análises morfológicas procuraram entender como as dinâmicas econômicas e/ou político influenciaram a formação da mancha urbana de Itumbiara*.

A investigação contou ainda com registros históricos - seja eles por meio de documentos, livros e fotos antigas do acervo de Furnas e até mesmo com relatos orais de antigos moradores da cidade. Visitas à vila permitiram observar a lugar e realizar o levantamento fotográfico.

A HIDRELÉTRICA DE FURNAS COMO VETOR DE DESENVOLVIMENTO DE ITUMBIARA

A hidrelétrica de Furnas foi um importante vetor de mudanças do espaço urbano de Itumbiara. Ela foi propulsora de um processo de modernização que permitiu não só o seu avanço econômico como também a chegada de uma arquitetura que estabelecia claros diálogos com a arquitetura “dita paulista” dos anos pós-Brasília. Desde os anos 1950, o Brasil passava por um momento de integração nacional, que permitiu, posteriormente, a chegada de uma nova arquitetura em diferentes espaços geográficos (Segawa, 1997), tais como a Região Centro Oeste, onde se encontra a cidade de Itumbiara.

A história de Itumbiara está diretamente vinculada ao rio Paranaíba. Tudo se inicia, em 1824, quando as águas do rio foram interceptadas para a criação de uma “estrada variante”, que era a

ramificação da Estrada do Anhanguera, do então povoado de Uberaba, Minas Gerais. Nessa época, em função das necessidades comerciais do local criou-se um porto de passagem de balsas (Figura 1), que carregavam insumos agrícolas para o estado (Neto, 1997). O sítio geográfico desse porto não poderia ser mais apropriado para tal função, pois o Rio Paranaíba é a divisa entre os estados de Goiás e Minas Gerais, na região do Triângulo Mineiro, onde se encontravam caminhos que levavam a São Paulo.

A ampliação do pequeno povoado que se estabeleceu no porto, antes popularmente chamado de Santa Rita dos Impossíveis, se iniciou em 1852 com a doação de terras de fazendeiros para a Paróquia, elevando assim o povoado à condição de Arraial e Freguesia. Em 1909 esse arraial se tornou Vila de Santa Rita do Paranaíba, depois cidade de Santa Rita do Paranaíba, e finalmente, em 1943, Itumbiara.

Figura 1 - Primeiras casas na orla do Rio Paranaíba



Fonte: Blog Diário de Itumbiara - data desconhecida.

Figura 2 - Ponte Affonso Penna



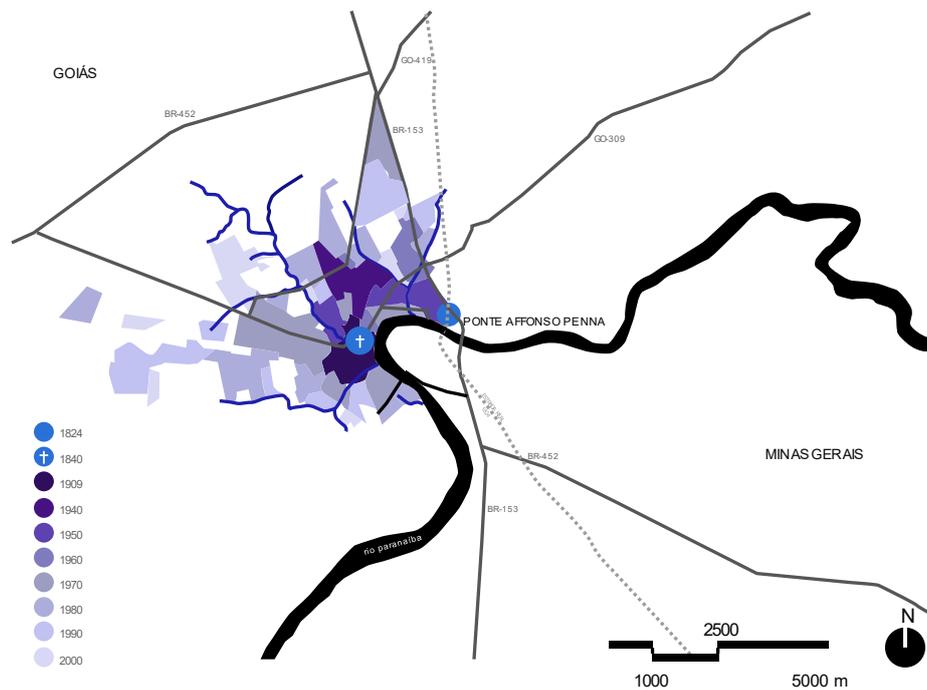
Fonte: IBGE - data desconhecida.

Em 1909 a construção da Ponte Afonso Pena sobre o Rio Paranaíba tornou-se no maior protagonismo histórico de Itumbiara (Figura 2). A ponte facilitaria o acesso ao centro do país e estimularia uma participação mais expressiva do estado no cenário socioeconômico (Iphan, 2012). O processo se completaria com a criação de uma ferrovia, com projeto da antiga Companhia Mogiana de Estrada de Ferro. Desta forma, poderia se alcançar o Rio Araguaia e a cidade de Belém, no Pará. Mas esse plano foi alterado quando se mudou o trajeto da ferrovia para um caminho que passava por Catalão-GO (Bessa, 2013). Mas a despeito desse desvio, a ponte tornou-se no elo essencial para o processo de modernização de Goiás.

O desenvolvimento inicial do tecido urbano de Itumbiara se deu próximo ao rio Paranaíba (Figura 3), em um lugar seguro onde se ergueu uma pequena capela e logo se formou a Rua Paranaíba. Nela foram construídos o antigo fórum, a rodoviária, os primeiros bancos e os comércios. As residências se estabeleceram na Rua Marechal Deodoro.

A primeira expansão da cidade se deu com a criação da prefeitura e a ligação das praças existentes até as áreas cobertas por plantas do cerrado, mas que logo se tornaram outras praças (Lima, 2007).

Figura 3 – Crescimento cronológico da mancha urbana de Itumbiara-GO.

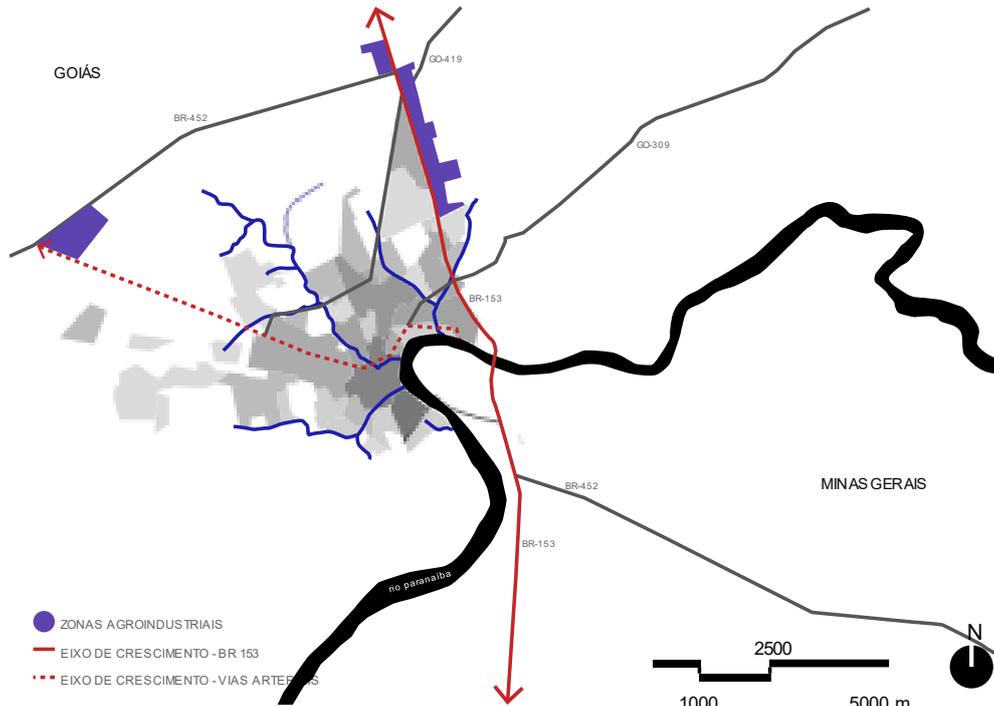


Fonte: Prefeitura Municipal de Itumbiara – modificado pelos autores.

Posteriormente, a expansão da cidade se deu com o aumento populacional a partir da década 1960, em função de um crescimento econômico baseado na produção agrícola, com destaque para a produção de grãos e cana-de-açúcar (Reis; Pantaleão, 2014). Na mesma década, Itumbiara ficou nacionalmente conhecida como a maior produtora de grãos do estado se tornando a terceira economia do terceiro município mais populoso de Goiás, atrás apenas de Goiânia e Anápolis (Neto, 1997). A partir daí, a dinâmica da expansão urbana mudou. Seus vetores de crescimento passaram a ser as vias que levavam mercadorias até as indústrias, localizadas na porção norte e noroeste da cidade, distantes portanto, do centro urbano e próximas às margens da BR-153 e BR-452 (Figura 4). Os proprietários dessas terras viram, nesse momento, uma boa oportunidade para parcelar o solo e criar novos loteamentos. Tais ações contribuíram para o desencadeamento de um amplo processo de especulação imobiliária na região, responsável pela alteração morfológica de Itumbiara, como bem observa Reis e Pantaleão (2014, p. 166):

A BR-153 inicialmente limitou o crescimento [de Itumbiara], mas assumiu o papel de linha de extensão à medida que, em suas margens, foram instaladas atividades industriais, atraindo a implantação e aprovação de novos loteamentos. Observa-se que, após o deslocamento de grandes equipamentos a norte, aliado à especulação imobiliária, houve uma tendência de crescimento ao longo do ribeirão Trindade e também na direção leste da cidade.

Figura 4 – Eixos de crescimento da mancha urbana de Itumbiara-GO.



Fonte: Prefeitura Municipal de Itumbiara - modificado pelos autores.

Como consequência desse processo, na década de 1970, a cidade cresceu de forma espraiada, em direção oposta ao rio. De certa forma, uma negação a um rio que era visto, até então, como um elemento selvagem da natureza, servindo apenas para despejo de esgoto. A superação dessa condição ocorreu quando o crescimento cidade voltou-se para o lado sul, para o seu lado, ultrapassando o córrego Água Suja, localizado muito próximo à vila. A vila passava então a ser a ser o mais novo polo de expansão urbana da cidade. Após 1980, novas ocupações se consolidaram ao sul da cidade.

Mas não só a construção da vila contribuiu com expansão da Itumbiara, a nova usina foi também um importante vetor de transformação das dinâmicas do espaço da cidade. O represamento do rio permitiu o encerramento das contínuas enchentes que impediam uma ocupação mais próxima da orla. Em 1990 a prefeitura construiu a Avenida Beira Rio (Figura 5), responsável por margear o Paranaíba. Tal feito é classificado por Reis e Pantaleão (2014), como fator político-espacial determinante nas alterações morfológicas de Itumbiara, por permitir a construção de edifícios próximos ao rio sem o risco de alagamento, o que inevitavelmente provocou uma valorização expressiva da área.

Figura 5 – Vista aérea da Avenida Beira Rio em Itumbiara-GO.



Fonte: Itumbiara em Fotos – Facebook, 2014.

Após a virada do milênio, mais loteamentos foram criados nas bordas da mancha urbana até então existente, como o Jardim Primavera, Jardim Morumbi, Condomínio Paraíso (loteamento fechado) e Residencial Beira Rio – estes localizados ao sul da Vila de Furnas.

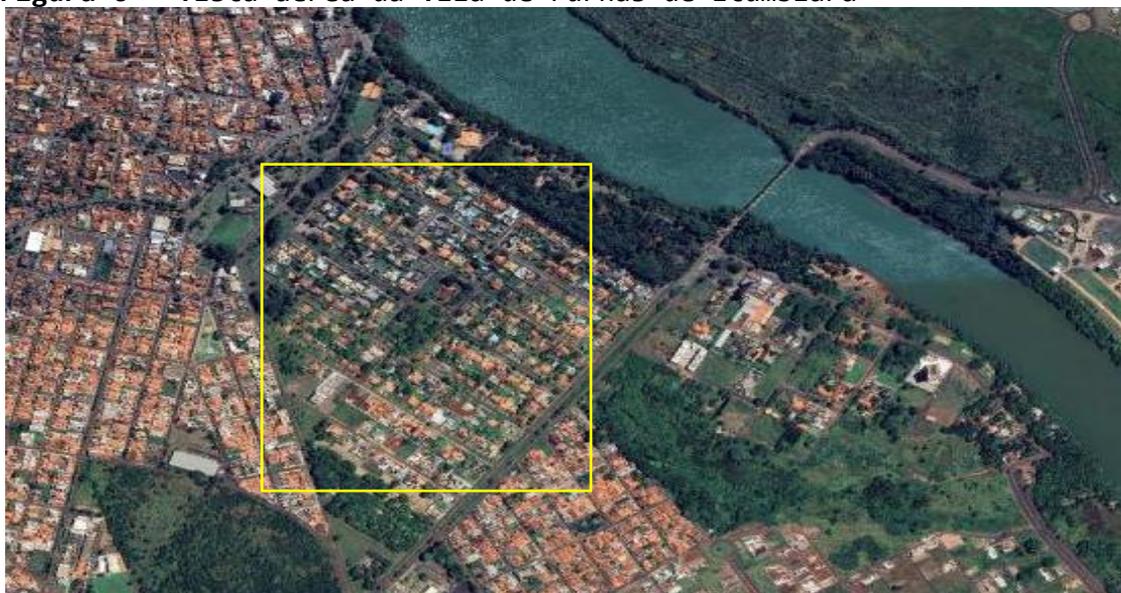
A VILA DE FURNAS DE ITUMBIARA

O Brasil da primeira metade do século XX foi marcado pelo impulso de modernização. Tais impulsos se revelam, sobretudo, com a chamada “Marcha para o Oeste”. Uma das estratégias para dar “luz” a esse projeto foi o investimento no setor energético brasileiro. Tratava-se de uma espécie de “desenvolvimentismo hidrelétrico”, que teve grande relevância na Era Vargas (Froelich, 2001). Foi nesse contexto, que o governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira criou, em 1957, a estatal Furnas Centrais Elétricas. Uma década depois, a bacia do Rio Paranaíba se tornou um projeto alvo da empresa, dando início a construção da Usina Hidrelétrica de Itumbiara, que veio a ser a maior do sistema Furnas. Visava atender tanto a região sul do estado de Goiás, quanto as necessidades futuras do Distrito Federal (Furnas, 2020). Concomitante à construção da barragem, a empresa de Furnas também planejou e executou de duas vilas residenciais para os trabalhadores da obra: a Vila dos Operadores, em Itumbiara - ao sul da cidade - e a Vila dos Operários, no então vilarejo, localizado no outro lado do rio, em Minas Gerais.

Neste lugar, a vila com suas 500 casas, possibilitou a emancipação do povoado, que se passou a chamar de Araporá.

Quanto a hidrelétrica e a vila de Itumbiara (Figuras 6 e 7), ao que parece, teve seus projetos realizados no final da década de 1960. Mas é certo que as suas implantações se iniciaram em 1974. De acordo com Guerra (2014), “[...] os projetos para a usina foram desenvolvidos pela CIE - Companhia Internacional de Engenharia associada à Companhia Morri son-Knuudsen de Engenharia em 1973 e a construção ficou a cargo da Construtora Mendes Junior”. Entretanto não há autoria oficial dos projetos arquitetônicos e urbanísticos. Tem-se informações apenas da participação do proeminente paisagista Fernando Chacel ¹, responsável pelos projetos paisagísticos do entorno da usina e da arborização da vila, construção da praça, dos jardins da casa de visitação e do hotel.

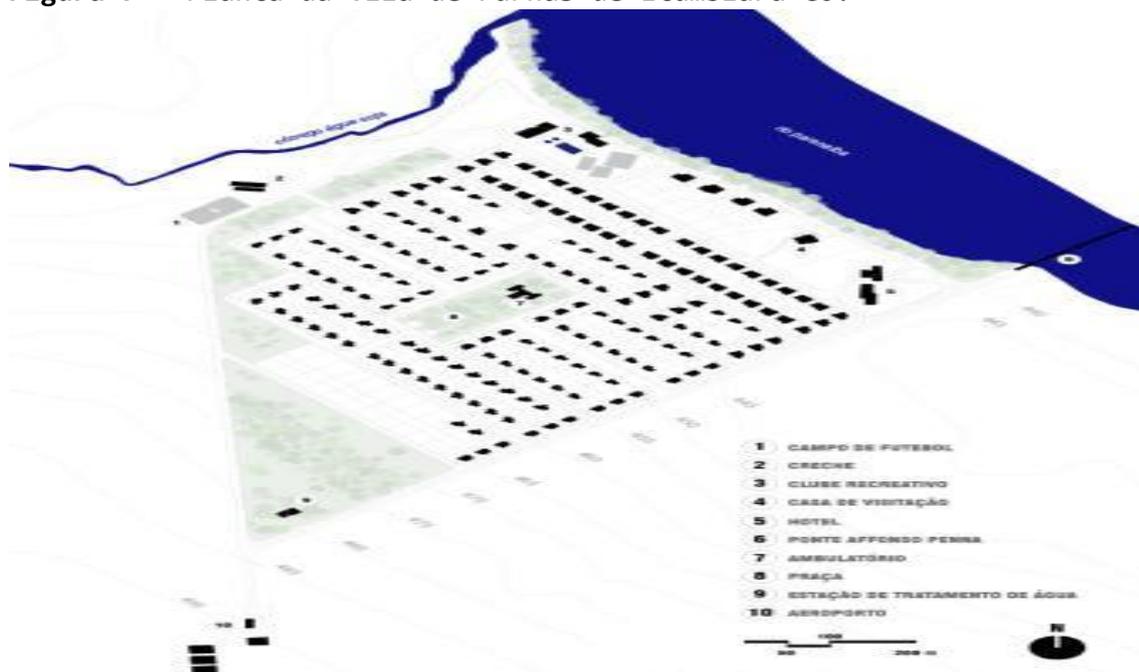
Figura 6 – Vista aérea da Vila de Furnas de Itumbiara



Fonte: Google Earth, 2024

¹ Fernando Chacel ocupou esse posto de ser um dos maiores nomes do paisagismo contemporâneo brasileiro. Suas concepções projetuais apoiavam-se no conceito de ecogênese, pautado na reconstituição de ecossistemas degradados. Entre suas influências estão o paisagista Roberto Burle Marx e o botânico Luiz Emygdio, com os quais trabalhou junto (Bartalini, 2002).

Figura 7 - Planta da Vila de Furnas de Itumbiara-GO.



Fonte: Eletrobras - modificado pelos autores.

O projeto da vila de Itumbiara encontra-se no contexto do pós-Brasília, em um momento de mudança de paradigma na arquitetura moderna brasileira. A virada da década de 1960 trouxe consigo novos rumos que resultaram em uma outra produção arquitetônica, marcada pela assimilação de diferentes significados distintos daqueles já consolidados em anos anteriores. São, portanto, os novos paradigmas que se expandiram nos anos 1970, e que se filiaram a um quadro formal e construtivo compartilhado com o brutalismo, uma tendência de grande expressão internacional e em franca sintonia com o Brasil, mais especificamente [...] no âmbito de uma certa arquitetura paulista (embora não ocorra apenas em São Paulo, nem seja exclusivamente sua) (Bastos e Zein, 2010, p. 53).

Fazem parte deste quadro de novos rumos Acácio Gil Borsóii, com o projeto da Residência Benedito Macedo, Janete Costa e Roberto Burle Marx, 1968 (Figura 8) -, Sérgio Bernardes com o Palácio da Abolição, concluído em 1970 (Figura 9) projeto de Ronald Spieker e Ubirajara Borne e O Grupo Escolar Uruguai, de 1971 (Figura 10).

Figura 8 - Residência Benedito Macedo.

Figura 9 - Palácio da Abolição.



Fonte: Disponível em:
<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/19.223/7243>

Fonte: Disponível em:
<https://www.archdaily.com.br/br/01-148709/classicos-da-arquitetura-palacio-da-abolicao-slash-sergio-bernardes>

Figura 10 – Grupo Escolar Uruguai.



Fonte: Petroli, 2013.

Mas não só estes arquitetos de reconhecimento nacional fazem parte desse momento de inflexão, essa nova tendência vai se tornar bastante difundida nas diferentes regiões do Brasil, alcançando também arquitetos que trabalharam em lugares distantes dos grandes centros como aqueles da Vila de Furnas, em Itumbiara e que realizaram uma arquitetura “[...] genericamente denominada brutalista” (Bastos e Zein, 2010, p. 54).

A vila de Itumbiara localiza-se em uma das extremidades da mancha urbana da cidade delimitada pelo córrego Água Suja. Sua concepção previu a criação de um cinturão verde na extremidade oeste do plano e a implantação de equipamentos na oposta. No centro ficaram a praça recreativa Alcides Viera Pires, a estação UHF e o ambulatório. Ao redor da praça, ergueram-se 193 residências modernas, distribuídas em quatro tipologias, com diferentes áreas de construção. As de área mais reduzidas foram destinadas aos trabalhadores de menor salários, estão situadas na porção oeste da vila. As tipologias maiores se situam na porção mais próxima ao rio e à Área de Preservação Permanente. Demais equipamentos também foram previstos como o hotel, a casa de visitação,

a estação de tratamento d'água (E.T.A.), o clube recreativo, o aeroporto e a creche.

No conjunto desses edifícios existem alguns que fazem parte desse novo momento de inflexão da arquitetura brasileira e que compartilham com os princípios da chamada arquitetura paulista que valoriza os elementos estruturais e adota a pureza dos materiais. Nas habitações da vila tais soluções estão claramente postas, notadamente, quando se observa a adoção de grandes vigas na fachada frontal que ultrapassam as empenas cegas laterais. São ainda reforçadas por pórticos que acompanham o desenho da cobertura. Estas soluções associadas ao protagonismo da estrutura e ao apreço pelos materiais aparentes, como o tijolo maciço e concreto são típicas da arquitetura paulista predominante na época (Figura 11).

Figura 11 – Residência unifamiliar da Vila Residencial de Furnas de Itumbiara-GO.



Fonte: Acervo de Furnas, 1984.

O Hotel da vila, construído para os engenheiros de Furna, foi concebido como um edifício em lâmina, com estrutura em destaque. Nele foram utilizados também o recurso das empenas cegas e dos materiais aparentes. Construído com dois pavimentos, possui 24 quartos, sendo 12 suítes e ambientes de apoio (Guerra, 2008). Na sua fachada nota-se uma organização rítmica das varandas que acompanha a mesma modulação do pavimento térreo. Tal solução contribui significativamente com a qualidade plástica do edifício (Figura 12).

Figura 12 – Hotel da Vila Residencial de Furnas de Itumbiara-GO.



Fonte: Acervo de Furnas, 1984.

O Clube Recreativo segue a mesma composição formal do hotel, se dispondo no terreno como um volume em lâmina e com empenas cegas. Diferentemente dos outros equipamentos, há maiores explorações do uso da madeira (Figura 13).

Figura 13 – Clube Recreativo da Vila Residencial de Furnas de Itumbiara-GO.



Fonte: Acervo de Furnas, 1984.

Quanto à estação de tratamento de água da vila, não se pode dizer que este edifício seja um importante exemplar da tradição paulista, mas alude à repetição dos elementos estruturais bem-marcados, que se destacam nas empenas cegas trapezoidais (Figura 14).

Figura 14 – Estação de Tratamento de Água da Vila Residencial de Furnas de Itumbiara-GO.



Fonte: Acervo de Furnas, 1984.

A Casa de Visitação se manifesta como ponto de contraste entre os outros edifícios da vila por não estar em conformidade com a linguagem modernista, mas nos revela também a pluralidade de linguagens arquitetônicas que convivem convivendo simultaneamente nessa época. Uma manifestação tardia do neocolonial, que também estavam presentes em várias cidades de Goiás, até mesmo em Goiânia.

A Casa é marcada por um extenso alpendre ritmado com arcos na fachada frontal, que conduzem às salas, cozinha e quartos. Também conta em seu interior com dois pátios internos (Figura 15).

Figura 15 – Casa de Visitação da Vila Residencial de Furnas de Itumbiara-GO.



Fonte: Acervo de Furnas, 1984.

Dada a qualidade de alguns desses edifícios seria importante apresentar os arquitetos responsáveis pelo projeto da Vila de Furnas de Itumbiara, porém não se conseguiu identificá-los. Ao que se sabe, trabalhavam como contratados e formavam equipes de desenhistas no Departamento de Arquitetura e Urbanismo de Furnas, responsável pela

execução das obras. Identificou-se também que os projetos da vila são semelhantes aos de outras construídas pela estatal, tais como: a Vila Residencial da Usina de Marimondo em Fronteira - MG / Icém - SP (Figuras 16 e 17), a Vila Residencial de Angra I em Angra dos Reis - RJ (Figura 18) e a Vila Residencial da Usina Hidrelétrica de Furnas em São José da Barra - MG (Figura 19).

Figura 16 - Residências da Vila Residencial de Marimondo de Fronteira-MG / Icém-SP.



Fonte: Acervo de Furnas, 1973.

Figura 17 - Hotel da Vila Residencial de Marimondo de Fronteira - MG / Icém-SP.



Fonte: Acervo de Furnas, 1973.

Figura 18 - Vila Residencial de Angra I em Angra dos Reis-RJ.



Fonte: Acervo de Furnas, 1976.

Figura 19 – Mirante Usina Hidrelétrica de Furnas São José da Barra-MG.



Fonte: Acervo de Furnas, 1983.

A VILA E A FORMAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE ITUMBIARA

Tanto a hidrelétrica quanto a vila de Furnas foram importantes na alteração da dinâmica espacial da cidade, tais como a expansão que se dirigiu para o sul, quando a vila passou a ser um importante ponto de atração; a transferência do acesso que se fazia pela ponte Afonso Pena - ligando Itumbiara à Minas-, para a vila e o próprio impacto econômico causado pelas oportunidades em razão da hidrelétrica. Estas mudanças também podem ser atestadas nos relatos de um morador itumbiareense:

Eu vivi a época antes da chegada de FURNAS, no início dos anos 70, o período de obras e também depois da construção da usina. Quando FURNAS começou as obras em Itumbiara (GO) a cidade tinha, aproximadamente, 30 mil habitantes. A Empresa chegou oferecendo 8 mil postos de trabalho. Imagine o impacto que ela causou na economia local. O comércio cresceu numa velocidade muito grande e a população também foi influenciada pela chegada de famílias de outros locais que trouxeram novas culturas, mudando até o perfil das construções das residências (Revista Furnas, 2005).

De acordo com Reis (2020), a vila impulsionou também outras formas de uso e ocupação urbana, promovendo novas conexões e relações - sociais e espaciais -, contribuindo ainda para a formação de um imaginário sobre o Rio Paranaíba.

Mas apesar de todos esses benefícios, a usina também impactou negativamente a cidade, sobretudo, quando se trata das barreiras sociais e até mesmo físicas que recaíram sobre os novos trabalhadores da vila. Vindos de diferentes regiões do país, eles não se identificavam como os habitantes da cidade. Na verdade, eles ficavam isolados em suas casas, localizadas na parte sul da cidade, em posição oposta e desconectada do então crescimento ao norte de Itumbiara. Outros impactos causados pela barragem dizem respeito aos alagamentos de áreas, em função da construção da barragem, que causou grandes prejuízos socioambientais. (Marinho, 2018). A solução desse problema permitiu a valorização da região e conseqüentemente a vila e seus equipamentos foram incorporados ao tecido urbano da cidade.

A AUSÊNCIA DA MEMÓRIA

A falta de informações e a desvalorização sobre o nosso patrimônio pode ser apontada como um dos motores que alavancaram o intenso processo de descaracterização do conjunto da vila de Furnas. As mudanças tiveram início em 1998, quando a vila deixou de ser responsabilidade de Furnas. A partir desse ano, as casas puderam ser compradas pelos seus moradores e os equipamentos foram doados ao município. E assim que especulação imobiliária viu a vila como mais uma oportunidade de inflacionar os chãos de Itumbiara. Via-se o grande potencial construtivo da vila em função das generosas áreas dos seus terrenos, que tinham cerca de 1300 m² de área e com pequenas construções erguidas. Essas áreas generosas precisavam ser mais bem ocupadas. Por esta razão inúmeras casas originais foram demolidas ou completamente modificadas (Figura 20).

Figura 20 – Habitação operária modificada na Vila Residencial de Furnas de Itumbiara-GO.



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

O mesmo aconteceu com os equipamentos: o antigo Hotel, por exemplo, foi doado para o Governo Estadual, primeiramente por Furnas. A ideia seria que edifício abrigaria o campus da Universidade Estadual de Goiás, mas por questões políticas o combinado não foi cumprido. Como resultado ficou o abandono para o prédio. Somente depois de anos ele foi reformado para abrigar a Prefeitura de Itumbiara. Porém sua concepção original foi completamente descaracterizada: placas de ACM passaram a cobrir os tijolos maciços, guarda-corpos de vidro substituíram os elementos vazados e parte do majestoso paisagismo deu lugar a uma rampa de acesso (Figura 21). O clube recreativo, apesar de ter seu uso mantido, também sofreu com a falta de manutenção e pelas intervenções em sua concepção original (Figura 22).

Figura 21 - Antigo Hotel da Vila Residencial de Furnas de Itumbiara-GO e atual Prefeitura.



Fonte: Disponível em: <http://nilsonfreirenews.blogspot.com/2020/08/as-dez-maravilhas-de-itumbiara-nona-os.html>

Figura 22 - Clube Recreativo da Vila Residencial de Furnas de Itumbiara-GO.



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

A Casa de Visitação é o único edifício do conjunto, com linguagem neocolonial. Foi transformada em Casa da Cultura, onde abrigou um museu e oficinas artísticas. Mas essa condição só foi respeitada até meados de 2004, quando ela deixou de ser casa de cultura, vindo a ficar abandonada e significativos processo de degradação (Figura 23). De qualquer forma, entre todos os edifícios, ela foi o único edifício tombado, pela esfera municipal em outubro de 2023.

Figura 23 – Casa de visitação da Vila Residencial de Furnas de Itumbiara-GO.



Fonte: Acervo dos autores, 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe uma clara contradição no processo modernizador de Itumbiara. Uma cidade que se formou essencialmente a partir de um projeto de modernização, não soube reconhecer a arquitetura representativa dessa época de crescimento, como também o importante papel que a própria vila exerceu na História da formação da cidade. Tal fato, pode ser explicado por analogia à tese sobre os neoconservadores de Habermas (1992), onde os indivíduos glorificam o desenvolvimento da técnica e ciência moderna, mas “[...] preconizam uma política que desmantele as forças explosivas da modernidade cultural”. A escolha consciente - tanto da população, quanto do poder municipal - de não preservar o conjunto, mostra o desconhecimento e/ou negação do valor da Vila para a história coletiva. Desse modo, é inevitável que a cidade se desenvolva sem o conhecimento de sua própria tradição.

Um patrimônio edificado atua como o bem e registro de um povo, portanto seu caráter é de interesse coletivo. O desmantelamento das edificações modernas da Vila de Furnas de Itumbiara é o sintoma de um processo que ocorre em todo o país, motivado pela carência de uma formação crítica cultural, histórica e estética de população, que por sua vez segue o movimento da onda neoliberal rumo à falsa promessa de progresso, mas que paradoxalmente tem nos guiado ao regresso. Infelizmente, não é possível recuperar as casas de um importante momento da arquitetura moderna de Goiás, que foram demolidas e os equipamentos descaracterizados da Vila, mas é possível que o poder municipal adote uma postura diferente, a fim de recuperar a vitalidade, a qualidade e a história do lugar.

Tendo em vista que a prerrogativa imposta do uso cultural da antiga Casa de Visitação não está sendo cumprida, o presente artigo sugere uma nova postura frente ao problema cíclico de restauração e abandono. Na visão crítica de Giovanni Carbonara (2023), “[...] restauração não é conservação ou, pelo menos, não é apenas conservação.” Resguardados os devidos contextos, pode se associar a teoria do italiano com o processo que se observa na Vila de Furnas, onde o poder municipal pretende iniciar em 2024 a restauração da Casa de Visitação para que esta retome o programa de Casa da Cultura. Contudo, substituir o piso de madeira e pintar as paredes descascadas não trará a alma e a memória do lugar de volta, sobretudo se é inexistente uma interpretação crítica do patrimônio, como bem pontua Carbonara (2023):

[...] falta um diálogo entre cultura e atuação profissional, falta uma autêntica consciência social do problema, substituída, como é fácil perceber, por um falso, ostentatório e acrítico falso interesse nos bens culturais, às vezes historicamente conservador, outras regressivo, em termos aproximativamente historicistas.

Tais medidas tomadas pela prefeitura são de cunho paliativo, sendo evidente que em um momento futuro, a Casa da Cultura deixará de receber manutenção e uso, voltando a se deteriorar aos poucos.

REFERÊNCIAS

Asilo de Stroessner é quase confinamento. O Liberal, Belém, ano XLII, n. 22.209, 8 fev. 1989. Cidades, p. 2-2.

BARTALINI, Vladimir. **Paisagismo e ecogênese.** A importante contribuição de Fernando Chacel ao paisagismo brasileiro. *Resenhas Online*, São Paulo, ano 01, n. 001.05, Vitruvius, jan. 2002
<<https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/01.001/3274>>.

BASTOS E ZEIN. **Brasil Arquiteturas após 1950.** São Paulo: Perspectiva, 2010.

BESSA, Kelly. **A gênese do triângulo mineiro: os núcleos de povoamento e a rede de arraiais do século XIX.** Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium, Ituiutaba, v. 4, n. 2, p. 509-528, jul./dec. 2013.

CARBONARA, G.; ANDRADE (TRAD.), N.; GRACO CAFEZEIRO (TRAD.), Y. **A restauração não é conservação...** Revista Thésis, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 2023. DOI: 10.51924/revthesis.2023.v8.411. Disponível em: <https://thesis.anparq.org.br/revista-thesis/article/view/411>. Acesso em: 3 jun. 2024. C

FROELICH, Gilval Mosca. **Ilha Solteira: uma história de riqueza e poder (1952-1992).** São Paulo: Educ, 2001. p. 40.

FURNAS. **Usina Hidrelétrica de Itumbiara.** Disponível em: <https://acervofurnas.com.br/usinas/@id/32005>. Acesso em: 25 mar. 2024.

GUERRA, Maria Eliza Alves. **Vilas operadoras de Furnas nas bacias dos Rios Grande e Paranaíba – da concepção à atualidade.** Tese (Doutora do em Geografia) – Programa de pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

HABERMAS, Jürgen. **A Modernidade: um projeto inacabado.** In ARANTES, Otília Beatriz Fiori e Paulo Eduardo (orgs.), *Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas: arquitetura e dimensão estética depois das vanguardas.* São Paulo: Brasiliense, 1992.

IBGE. **Cidades e Estados.** Disponível em l. Acesso em 22 de abril de 2023.

IPHAN. **Ponte entre Goiás e Minas Gerais recebe título de Patrimônio Cultural Brasileiro.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivosPonte%20P%C3%AAsil%20Affonso%20Penna.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2024.

ITUMBIARA. **História de Itumbiara**. Disponível em:
<https://itumbiara.go.gov.br/historia/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

LIMA, Getúlio. **Mergulhos no passado**. 1 ed. Goiânia: Kelps, 2007.

MARINHO, Yangle Adriano. **Usina Hidrelétrica de Itumbiara: entre anúncios de progresso e frustração de expectativas na fronteira Sul Goiano -Triângulo Mineiro (1974-2018)**. 2018. 186 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

NETO, Sidney Pereira de Almeida. 1909 - **Villa de Santa Rita do Paranahyba, Itumbiara**. 1997.

PETROLI, Marcos Amado. **A avis rara do Arquiteto Jorge Debiagi: Uma Análise sobre a Influência Brutalista em duas de suas Obras Bancárias**. In: X Seminário Docomomo Brasil, Arquitetura Moderna e Internacional: conexões brutalistas 1955-75, Curitiba, 2013 - PUCPR.

SEGAWA, Hugo. **Arquitetura no Brasil - 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1997.

REIS, Mônica Otero de Melo dos. **Interstícios e conexões na paisagem do rio Paranaíba em Itumbiara (1974-2015)**. 2020. 152 f. Dissertação (Mestrado em Projeto e Cidade) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

REIS, Mônica Otero de Melo dos; PANTALEÃO, Sandra Catharinne. **Cidades médias goianas: crescimento urbano, ocupação territorial e dinâmica econômica**. Estudos, Goiânia, v. 41, especial, p. 155-174, dez. 2014.

Contato dos autores:

Autor: Alexandre Ribeiro Gonçalves
E-mail: alexrgon@gmail.com

Autora: Nycolle de Paula Borges
E-mail: nycolledepaula@gmail.com

Autora: Deusa Maria Rodrigues Boaventura
E-mail: deusa.boaventura@ueg.edu.br

Manuscrito aprovado para publicação em: 10/12/2024